

Coordenadores  
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA  
DELFIN FERREIRA LEÃO

# OS FRAGMENTOS DE PLUTARCO

e a recepção da sua obra



SoPlutarco • Instituto de Estudos Clássicos • Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos • Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coimbra – 2003

PAULA BARATA DIAS  
Universidade de Coimbra

PLUTARCO E OS AUTORES CRISTÃOS DA ANTIGUIDADE TARDO MEDIEVAL  
— LIMITES E POSSIBILIDADES DE UMA RECEPÇÃO<sup>1</sup>

Quando aceitámos o desafio do Presidente da Sociedade Portuguesa de Plutarco, o de medirmos o impacto ou a recepção do polígrafo Queronense na Antiguidade tardia e medieva cristãs, explicitámos-lhe as reservas que tínhamos quanto ao sucesso da empresa, fundamentada num conhecimento geral sobre os autores e a época de análise. O facto de ser um autor pagão e, sobretudo, de língua grega, parecia-nos criar sérias dificuldades à recepção do autor na latinidade tardo-medieval, período em que o conhecimento do grego feneceu<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Dirijimos uma palavra de agradecimento ao Doutor Arnaldo Espírito Santo, a quem este trabalho muito deve, particularmente na recolha electrónica do corpus na Patrologia Latina. Concentrámos este estudo na recepção dos *Moralia*. Quanto às *Vitae*, estudos recentes revelam a sua presença em prosadores cristãos, presença esta de teor diverso: TOMAS HAGG, PHILIP ROUSSEAU, *Greek Biography and Panegyric in Late Antiquity*, University of California Press, 2000. Plutarco foi também uma entre as fontes de informação para os relatos historiográficos de autores cristãos como Jerónimo, Orósio e Isidoro embora não estejam provadas a existência de influências directas.

<sup>2</sup> Cf. A. PÉREZ JIMÉNEZ, *Plutarchus redivivus, Memorandum del II Encuentro de la Red Temática de Plutarco* (Málaga, 14-15 de Junio de 2001, Málaga, 2002, pp. 27-32, corroborando os limites da recepção cristã de Plutarco de acordo com a intensidade do contacto material com o autor, (p. 29) “eso evitará en muchos casos que pensemos que la presencia de una idea, una anécdota o una doctrina plutarquea en un autor cristiano del siglo V, por exemplo, se debe a una lectura directa por parte de este autor, cuando puede haberle llegado a través de la tradición

Para fundamentar essas mesmas reservas, dois autores significativos para a época e para o espaço geográfico em que se inserem, ou seja Santo Agostinho para o fim do mundo antigo na África romana, e Santo Isidoro, sensivelmente um século e meio mais tarde, para a Hispânia visigótica, revelavam possibilidades de recepção directa muito escassas. Estas reservas já as tínhamos como ponto de partida, pois inseriam-se dentro das conhecidas, e na maior parte dos casos justificadas, *imbecillitates* à recepção de qualquer autor grego e pagão nos anos dourados da cristianização da cultura e dos seus agentes no Ocidente latino. Como bem estudou P. Courcelle, opinião reforçada anos depois por H.-I. Marrou, Santo Agostinho, autor tão importante na avaliação do saldo cultural da Antiguidade, não conhecia suficientemente a língua para poder consultar directamente autores gregos<sup>3</sup>. Santo Isidoro de Sevilha, autor que, pela natureza da sua obra, possui uma importância explícita na avaliação do que da Antiguidade restava para os alvares da Idade Média, não só não conhecia o Grego, como a cultura pagã latina, por ele profusamente utilizada e citada, é transmitida em segunda ou terceira mão. Apesar disso, foi a estrela cintilante que deu brilho à “Renascença Visigótica” segundo a feliz expressão de Jacques Fontaine<sup>4</sup>. Assim,

---

patrológica iniciada en verdaderos lectores de Plutarco como Clemente de Alexandría o San Basilio...”. Reconheceu-se na obra citada que, no estudo da recepção europeia de Plutarco, a Idade Média cristã é o período menos estudado, (p. 33).

<sup>3</sup> O último homem de cultura da Antiguidade ou o primeiro da Idade Média, além do valor intrínseco da sua obra, pode ser um bom mostrador do estado intelectual e cultural da sua época. P. COURCELLE, *Les Lettres Grecques en Occident de Macrobe à Cassiodore*, Paris, 1943, p. 153; H.-I. MARROU, *Saint Augustin et la fin de la culture Antique*, Paris, 1949, os dois citados por Ida Calabi, «Le fonti della Storia Romana nel *De Civitate Dei* di Sant’Agostino», *La Parola del Passato*, IX, 1954, pp. 274.

<sup>4</sup> JACQUES FONTAINE, *Isidore de Séville et la Culture Classique dans l’Espagne Wisigothique*, Paris, 1959. NICOLÒ MESSINA, «Le citazioni classiche nelle *Erymologiae* di Isidoro di Siviglia», *Archivos Leoneses*, 68, 1980, pp. 205-265, veio mostrar que Isidoro usa como fontes do seu trabalho, além dos cristãos, autores do final da República e da época imperial latina, preferindo ainda poetas a prosadores. Encontramos Plauto, Virgílio, Lucrecio, Ovídio, mas também Cícero, Plínio-o-Velho e sobretudo Suetónio. Mas trata-se de um conhecimento em segunda mão, não fundamentado na leitura das obras integrais, tirado de manuais elaborados a partir do séc. IV. Escólios; *Artes, Heuremata*, traduções de manuais gregos, obras isagógicas e doxográficas deveriam existir na mais rica biblioteca da Hispânia do séc. VI. Ainda que estudos mais recentes tenham apontado uma espécie de “bolsa do conhecimento do grego” na Hispânia cristã, ela deriva mais

não nos deu nenhum conforto o facto de Plutarco não aparecer, como entrada, em quase nenhum dos valiosíssimos *Índices* da *Patrologia Latina* de J. P. Migne, com excepção do *Index sriptorum ethnicorum a quibus patres argumenta mutuati sunt*<sup>5</sup>, que nos remeteu para Arnóbio.

A segunda reserva, mais sustentada do ponto de vista da pesquisa, teve rosto já com a abordagem preliminar do tema, ou seja, nasceu dos dados recolhidos na bibliografia sobre as mais antigas formas de recepção de Plutarco: surgia-nos este como um autor redescoberto pela Europa pré-humanista de que a elaboração do *Corpus Planudeum* é sinal, primeiro através de traduções latinas da sua obra, depois em versões modernas traduzidas do original grego, ou mesmo do grego moderno<sup>6</sup>. E, de facto, quando se diz

---

da fixação de falantes gregos estrangeiros do que de um esforço autóctone (cf. J. G. FREIRE, *A versão Latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, 1971, tese de doutoramento). L. GARCÍA MORENO, *História da Hispânia Visigoda*, Catedra, Madrid, 1989, pp. 365-373, no cap. “transmisión y objetivos de la cultura cristiana” afirma que o conhecimento da literatura clássica é inferior ao que se supunha: com os autores gregos, a fractura há muito se instalara, embora houvesse traduções das *Vitae Patrum*, Orígenes, Eusébio de Cesareia, e João Crisóstomo (estes três últimos leitores directos de Plutarco, vide bibliografia sobre o tema em AURÉLIO PÉREZ JIMÉNEZ, op. cit., pp. 30-37). Isidoro e Bráulio de Saragoça ainda teriam acesso a leituras ou recolhas da erudição memorística dos clássicos, ao serviço de uma obra literária de carácter isagógico destinada à formação espiritual, dogmática e pastoral.

<sup>5</sup> Pl, vols 218-222. O *Index* em causa, vol. 218, col. 1281.

<sup>6</sup> A título de exemplo, VITO R. GIUSTINIANI, “Sulle traduzioni latine delle *Vite* di Plutarco nel quattrocento”, *Rinascimento*, 2, I, 1961, p. 3: “Poco nota agli scrittori romani terdi e affatto ignorata dal Medioevo Latino, sembra essersi destato in Occidente verso la fine del trecento”. CLARE JOUAN, “La plus ancienne traduction occidentale des «Vies» de Plutarque”; *Actes du VIII Congrès de l'Association Guillaume Budé*, Paris, Les Belles Lettres, 1969, p. 567-569. B. EINERSON, P. DE LACY, “The manuscript tradition of Plutarch”; *Classical Philology* 46, 1951, p. 94; STADTER PH. A., *Italia Medioevale et Umanistica XVI*, 1973, conta-nos que o manuscrito ambr. C 126 inf. contém setenta e oito *Moralia* de Plutarco reunidos por Massimo Planudo, e esteve na posse de Pace de Ferrara, professor de grego do princípio do séc. XIV. A literatura grega teve assim leitores uma geração anterior à tradicionalmente reconhecida, conclui o autor. O interesse escolar, para o ensino do grego, constituía um dos motivos a valorizar como justificação para esta leitura de Plutarco. CLAUDIO BEVEGNI, “Appunti sulle traduzioni latine dei *Moralia* de Plutarco nell quattrocento”, 14, *Studi Umanistiche Piceni*, 1994, 71-84, apresenta notas sobre a fortuna da obra de Plutarco no humanismo greco-latino. Em Massimo Planudo e no Ms Ambr. C.126 (1296) dos *Moralia* encontra-se o traço de união entre o Oriente Grego e o Ocidente

num dicionário de referência...

“In the Greek East, he continued to be read through Later Antiquity and in the Middle Ages; and when Greek literature was restored in the West with the Renaissance, Plutarch came to occupy a central place in western letters...”<sup>7</sup>

...Somos tentados a encerrar a ideia de um Plutarco que, entre a Europa Latina, saltou da Antiguidade para o luminoso pré-humanismo italiano.

Também uma pesquisa, sumária e não sistemática, por catálogos de manuscritos e de primeiras edições presentes nas bibliotecas ibéricas produziu resultados sem dúvida interessantes, mas que confirmavam uma recepção moderna do nosso autor. Percorremos os catálogos dos principais fundos de manuscritos<sup>8</sup>, e o que encontrámos foram argumentos para reforçar uma recepção intensa, mas localizada nos alvares da Idade Moderna Europeia, como podemos ilustrar numa breve passagem pelo inventário produzido:

**S. Lourenço do Escorial<sup>9</sup>.**

—*Plutarchi Parallela* (séc. XV, ms. I.W. 6; II.f.17).

—*Plutarchi de Anima* (séc. XV, ms. I. S. 12).

—*Opuscula aliquot*, Titi Pyrrhini de Aliprandis, (ms. I. R. 5). Em papel, 90 fols, séc. XVI, notas marginais em Grego e Latim, contém índice grego das matérias. Usado na edição da Loeb. 5 títulos, alguns de difícil identificação: 1. *Bruta Animalia ratione Uti*; 2.-; 3. *De esu carniū oratio* I 4. *Non posse suaviter uiui secundum Epicurum*; 5. *Animine an Corporis affectiones sint peiores*.

---

latino, o que sustenta a ideia de um Plutarco inserido no movimento global de descoberta das letras gregas cujo mérito cabe ao mediador bizantino.

<sup>7</sup> THE ANCHOR BIBLE DICTIONNARY, David Noel Freedman ed, t. 5, New York, p. 384.

<sup>8</sup> Por exemplo, ficámos surpreendidos com uma recepção maior dos *Moralia* do que das *Vitae*. Procurámos rastrear, primeiramente, Plutarco em Grego, a que se associaram os registos bilingues, os latinos e, por fim também os mais antigos em língua moderna. G. F. HAENEL, *Catalogi Librorum Manuscriptorum*, Georg Holms, Hildesheim-New York, 1976 (in *Bibliothecis maioris Hispaniae et Lusitaniae*).

<sup>9</sup> P. A. REVILLA, *Catálogo de los Códices Griegos de la Biblioteca de El Escorial*, Madrid, 1936. Esta Biblioteca possui 534 manuscritos Gregos.

—*Plutarchi Vitae* Leonardum Aretinum in Latine Translatae; séc. XV, chart. 4 e 8 (mss. II. T.11; II, O, 5; III. C. 17; III. S. 18).

—*Plutarchus de animae generatione in Timaeo*, (séc. XV, ms. S. I. 12; fol 75 r-85 r).

**Bibliotheca Columbina (Sevilha)**

—*Plutarchi De Furoris abstinencia, interpr. Simone* (séc. XV; ms. Z. 137.36).

**Bibliotheca de la Iglesia Mayor, Toledo**

—Plutarcho en Latin por Lampo Florentino (séc. XIV; ms. 51.3).

—Plutarcho en Latin por Aretin; (séc. XV; ms. 51.4).

—Plutarcho Obras Morales en Griego (séc. XIV, ms. 5.,).

**Biblioteca Nacional<sup>10</sup> (Lisboa)**

—*De liberis Educandis* (em Grego).

—*Vitae Illustrium Virorum*, Roma, Ulrich Han, 1470-1471, (incunábulo em 2 vols.).

—*Vitae Illustrium Virorum*, Roma, Veneza, séc. XV, Nicolas Benson ed., incunábulo em 2 vols.

—*Vitae Illustrium Virorum*, Pylades Brixianus ed., Brescia, 1499.

—*Vidas*, tradução espanhola de Afonso de Palência, Sevilha, Paul Colonia et al., 1491, 2 vols.

**Biblioteca da Universidade de Coimbra<sup>11</sup>**

—*Apothegmas...* traduzidos de língua grega em Castelhana, Alcalá de Henares, Miguel de Egui ed., 1533, 1 vol, anotado à mão na margem (cota R-15-4).

—*De Cohibenda Iracundia Dialogus*, Louanii, Rutgerus Rescius, s.d. (cota R-9-20).

—*Libellus Quo Pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*, Rutgerus Rescius Vaenundantur apud Bartholomaeum Grauium, 1531 (em Grego).

—*Obras Morales*, traduzidos de língua grega en castellana, Alcalá de

---

<sup>10</sup> *Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional*, intr., org., ind. de MARIA VALENTINA SUL MENDES, 1988; pp. 298-299.

<sup>11</sup> *Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Acta Universitatis Conimbricensis, 1970, pp. 488-489.

Henares, Juan de Brocar, 1548, 1 vol (R-61-7).

—*Obras Morales*, traduzidas de língua grega em castelhana por Diego Gracian; Salamanca, Alexandro de Canoa, 1571, 1 vol (cota R 61-6).

—*Excellent Opuscule de Plutarche, De la Tardive Vengeance de Dieu*, traduit de Grec en Latin par Bilibaut Piriheimer et fait en françois par Jean de Maconville, Paris, pour Jean Dallier Libraire, 1563 (cota 4-2-25-6 (2)).

—*Plutarchus, Libellus quo pacto quis efficiat ut ex inimicis capiat utilitatem*, Louainii, ex officina Rutgeri Rescij; sumptibus eiusdem ac Bartholomaei Grauij, 1531 (4-A-14-23-11)<sup>12</sup>.

**Biblioteca Nacional (Madrid)**<sup>13</sup>

—*Moralia*, séc. XIII. Constantino Láscaris, em 1460, em Milão, completou o códice.

—*Vida de Teseo* frg., fols 89-95, (XVI-XVII).

—*Anotaciones de las Vidas de los hombres Ilustres de Plutarco* (XVIII).

—*De cómo se debe un hombre aprovechar de sus enemigos*, traducido en nuestro vulgar castellano. Fols 9-28, (XVI); fols 54-73 *Anotaciones a la obra de Plutarco*.

—*Tratado das conquistas del rey Alexandre de las batallas fechas con Darío y de otras cosas obradas por él etc*, fols 1-8v; *Comparación de Gayo Julio César emperador máximo e de Alexandre Magno, hijo de Philippo etc* (XV, Latim e Castelhanu).

**Biblioteca da Universidade de Salamanca**<sup>14</sup>

—*Laconica Apophthegmata*, séc. XV.

*Plutarchi De Fortuna Romanorum, De Solertia Animalium, Bruta Ratione Vti*, séc. XIII-XIV.

---

<sup>12</sup> Texto grego encadernado com obras de João Crisóstomo, Basílio Magno, Luciano de Samósata, Cartas de Ésquines e de Demóstenes.

<sup>13</sup> GREGÓRIO DE ANDRÉS, *Catálogo de los Códices Griegos de la Biblioteca Nacional*, Ministério de la Cultura, Madrid, 1987; *Inventário General de manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Ministerio de Cultura, Madrid, XII vols, 1988.

<sup>14</sup> A. TOVAR, *Catalogus Codicum Graecorum U. Salamantinae*, I. Collectio Universitatis Antiqua.

Verificamos a partir desta breve amostragem que a recepção de Plutarco parece estar, definitivamente, condicionada pela comunicação entre línguas diferentes: as traduções em latim ou as línguas modernas são mais abundantes do que a versão original. Logo, podemos julgar que a recepção de Plutarco na Idade Média latina foi limitada pelo desconhecimento do grego. Desaparecida esta dificuldade com o auxílio da tradução para latim e para as línguas modernas ou com um maior conhecimento da língua original, o interesse pelo autor estabeleceu-se. Assim, impõem-se duas questões para orientarmos o nosso trabalho:

I- A recepção directa na língua original durante a Idade Média parece improvável. Mas haveria traduções latinas anteriores ao pré-humanismo? Alguém lia Plutarco antes de os bizantinos se afirmarem como mediadores entre o autor grego e o fim da Idade Média, e de terem facultado, nos inícios do séc. XIV, as versões integrais do autor que possibilitaram a tradução? A questão não é fácil, sobretudo se a ela aliarmos o cepticismo das dificuldades materiais de pesquisa, isto é, se não chegaram até nós provas claras de traduções, ou dos meios que permitissem uma recepção de qualidade...

Uma questão, que não está devidamente explorada, prende-se com o papel dos padres gregos traduzidos para latim, ou eventualmente conhecidos no original durante aquele breve período de “janela” quando uma Latinidade cristã já amadurecida ainda recebia esse influxo do Oriente, nos sécs. III-IV. Nas leituras preliminares a que procedemos, constatámos uma receptividade profícua que estes autores deram a Plutarco.

Conhecer os moldes da recepção de Plutarco entre os autores cristãos gregos permitir-nos-ia seguir um caminho de entrada para Plutarco entre os autores da Antiguidade tardo-medieval. As amostras que recolhemos revelam-nos uma recepção em que o autor é utilizado como instância de fundamentação filosófica do cristianismo, em que os textos plutarqueanos são integrados na própria substância doutrinal. Esta atitude indicia, por um lado, o apreço de que gozou Plutarco entre estes autores mas também testemunha um particular momento de diálogo entre dois estratos culturais diferentes.

Esta forma de recepção justifica a imagem de um Plutarco intrinsecamente amado pelos cristãos. Podiam, de facto, estes sentir-se gratos por encontrarem em Plutarco argumentos que fundamentassem os seus valores religiosos. Esta gratidão foi expressa no conhecido epigrama do bizantino João Mauropo, bispo de Euceta (séc. XI) no qual é patente o apreço que os cristãos devotavam a Platão e Plutarco:

Εἵπερ τινας βούλοιο τῶν ἀλλοτρίων τῆς σῆς ἀπειλῆς ἐξελέσθαι, Χριστέ μου,  
Πλάτωνα καὶ Πλούταρχον ἐξέλοιό μοι. Ἄμφω γὰρ εἶσι καὶ λόγοι, καὶ τὸν τρόπον  
Τοῖς νόμοις ἔγγιστα προπεφυκότες. Εἰ δ' ἠγνόησαν ὡς Θεὸς σὺ τῶν ὅλων  
Ἐνταῦθα τῆς σῆς χρηστότητος δεῖ μόνον δι' ἣν ἅπαντας δωρεὰν σώζειν θέλεις

“Se quiseres afastar alguns pagãos das Tuas ameaças, ó Cristo, roupa-me Platão e Plutarco. De facto, ambos são, em palavras e costumes, muito conformes à Tua lei. Se ignoraram que Tu eras o Deus do universo, então só o dom da tua bondade é preciso para que, entre tantos, os queiras salvar”

Razões para esta recepção podem fundamentar-se em vários aspectos, e trata-se de um assunto amplamente fundamentado na bibliografia: existe entre Plutarco e a sensibilidade cristã não tanto uma relação de interinfluência, ou de dependência, mas sobretudo une-os o facto de compartilharem uma matriz filosófica, (a das escolas platónicas, particularmente o platonismo médio) e um contexto histórico-cultural comum (o Oriente helenizado do início da Era Cristã). É de ter em conta também o facto de que as leituras de Plutarco sobre a filosofia platónica, dependente de Xenócrates e de Atenágoras, filósofos do platonismo médio, terem pontos de contacto com a leitura cristã dessa mesma corrente filosófica. Desta forma, há problemáticas, interesses de temas e uma linguagem comuns.

Uma leitura diagonal pelos nomes dos tratados plutarqueanos imediatamente põe em destaque os temas comuns entre Plutarco e os interesses cristãos: Deus está acima de todos os seres (*De Defectu Oraculorum* 426 b; *De Isid.* 382 f); o universo foi gerado no tempo ou seja, teve um princípio; a providencialidade da acção punitiva de Deus (*De sera Numinis Vindicta-*

Orígenes, Clemente de Alexandria; Gregório de Nissa, e praticamente todas as obras de filosofia da história cristãs trataram este assunto<sup>15</sup>); a concepção de um Deus eterno e incorruptível (*De Stoicorum Repugnantiis*, 13), e, um assunto particularmente profícuo, a definição do estatuto das entidades demoníacas, na sua relação com a divindade e com os homens (*De Iside; De facie quae in orbe lunae apparet*, cap. 9; 30).

Podemos também contar com o valor testemunhal que a obra de Plutarco teria como porta de acesso ao conhecimento das religiões pagãs pelos sábios cristãos. Desta forma, o modelo religioso de Plutarco apresentado nas suas obras ditas teológicas constituem um testemunho privilegiado do momento religioso em que as religiões orientais se encontram com a filosofia platónica através da exegese alegórica, exercício de interpretação que foi praticado por Plutarco nas suas obras ditas teológicas, mas também pelos padres gregos da Escola de Alexandria, tais como Clemente e Orígenes. Esse valor testemunhal da obra de Plutarco surge em destaque nas palavras de H. D. Betz,

“If one wants to study the philosophical and religious situation in the Greek world of the first century, its problems and hopes, just before it came into conscious contact with christianity, one must read Plutarch”.

... na sua utilíssima obra *Plutarch's theological Writings and Early Christian Literature*, (Leiden 1974), em que ele apresenta os abundantes *loci communes* entre as obras “teológicas” de Plutarco e os textos cristãos até à 1ª geração apostólica. Aspecto evidente mas curioso que é fácil ignorarmos através de excessivas categorizações, reside no facto de alguns dos textos matriciais dos cristãos, tais como o Evangelho de São Lucas e o Apocalipse, terem sido produzidos depois de grande parte da obra de Plutarco!

As referências directas da obra de Plutarco que encontrámos em Eusébio de Cesareia (263-339); em Basílio Magno (330-379) e em Teodoreto de Ciro (393-466) só se justificam porque elas se fundamentam no reconhecimento de Plutarco como testemunho fiável do mundo antigo

---

<sup>15</sup> *DICIONÁRIO PATRÍSTICO*, ANGELO DI BERARDINO, Ediciones sgueme, Salamanca, 1991, II, pp. 1786-1794, s.v. “Platonismo y los Padres”. Também JOHN WHITTAKER, “Plutarch, Platonism and Christianity”, *Neo-platonism and Early Christian Thought*, 1981.

e também no reconhecimento das semelhanças entre aspectos da sua obra e os valores cristãos<sup>16</sup>.

II- A segunda questão a ter em atenção decorre das formas como se teria dado a transmissão: de que modo era lido, ou seja, que grau de recepção possibilitariam as condições materiais da sobrevivência da obra plutarqueana na época tardia e medieval? Não há notícia de intermediários de primeira instância, ou seja de tradutores; mas existirão certamente intermediários de segunda instância, ou seja, autores que usam a obra directamente e que depois foram alvo, eles mesmos, de tradução latina; e mesmo de terceira instância (autores que não identificam ou reconhecem mal as fontes por terem citado Plutarco a partir de perícopas ou de colecções de florilégios, volumes que tinham reunidos alguns passos significativos da obra do autor e que serviam para ilustrar uma ou outra dissertação). Avaliar, portanto, a recepção de Plutarco implica reconhecer de antemão a existência de diversos graus de contacto possível. Recepção directa ou indirecta? reminiscências, ou alusões? Temos assim de avaliar graus diversos de contacto com o autor, cada um destes níveis encerrando uma disparidade na atribuição de um valor formativo de Plutarco na cultura tardo-medieval:

---

<sup>16</sup> 1. Eusébio de Cesareia, *Praeparatio Euangelica* PG 21, V, col. 349; XI, col. 846; col. 352; col. 356-357; col. 874; O objectivo desta obra é provar a superioridade da religião dos judeus como preparatória para a revelação em relação à filosofia grega. Na sua refutação, Eusébio inclui no seu texto longas passagens da filosofia pagã, que ele pretende infirmar. Destacamos dois passos, um do livro V, destinado a refutar o poder dos Oráculos, e, no XI, um caso particular de recepção limitada do cap. 17 do *De Defectu Oraculorum* “A morte do Grande Pã”, também tratado por Basílio. Teodoreto de Ciro, séc. V, *Graecarum Affectionum Curatio*, II, *De principio*, Antioquia, PG 83, col. 856 e 858: este escrito apologético tem por título completo *Sobre a cura das enfermidades pagãs* ou *A verdade dos Evangelhos provada pela filosofia grega*. Constituído por doze livros, o segundo livro aborda a questão da origem de todas as coisas e da essência de Deus. Tem por fim provar a superioridade do Evangelho sobre a filosofia dos gregos, contra os argumentos de quem continua a seguir (segundo o prólogo) as fábulas gregas e ridicularizam a crença cristã por esta se fundar numa questão de fé e não ter poder de instrução. O autor contraria esse preconceito, e propõe-se usar testemunhos de Platão e de outros filósofos, entre os quais Plutarco, compondo as suas palavras de forma a que tenham uma certa semelhança com esses autores pagãos. Cita mais de cem sábios pagãos em 340 passagens, ainda que a maioria destas não sejam colhidas directamente mas sim dos *Stromata* de Clemente de Alexandria e da *Praeparatio Evangelica* de Eusébio de Cesareia.

Neste momento, encontramos-nos na etapa de reunir o *corpus* e de o sujeitar a um tratamento preliminar que permita responder à segunda questão. Para tal, servimo-nos da pesquisa electrónica na Patrologia Latina. O que aqui trazemos como matéria de facto deriva basicamente do resultado parcelar dessa pesquisa. Não escondemos que ficámos surpreendidos com os resultados: foram levantadas 1281 referências a Plutarco, em autores tão diversos como Tertuliano, Minúcio Félix, Cipriano, Ambrósio, Jerónimo, Santo Agostinho, Cassiano, Cassiodoro, Isidoro e outros, autores que percorrem um largo espectro, desde o início da Literatura Latina Cristã até ao séc. XIII.

Este número está seguramente inflacionado pelas referências ao mártir alexandrino do séc. III Plutarco, e, sobretudo, pela enorme presença de Pseudo-Plutarco e das referências ao *Institutio Traiani*, obra elaborada no séc. IV apoiada na tradição de que Plutarco teria sido perceptor de Trajano e com ele sustentara correspondência. Pensamos que esta perspectiva domina o *corpus* a partir do séc. XI<sup>17</sup>.

Os resultados desta fase de recolha permitem-nos, desde já, e salvaguardadas as cautelas de futuros desenvolvimentos decorrentes de uma análise mais detalhada do *corpus*, duas conclusões: há uma tradição ininterrupta de recepção de Plutarco no mundo latino tardo-medieval. Esta tradição foi alimentada, pensamos nós, por duas vias, de qualidades diferentes: tal como expusémos anteriormente, através dos padres gregos, que a ele tiveram um acesso de qualidade que continuou no mundo bizantino, que o usam com profundidade nas suas obras, e que foram lidos pela Europa Latina, em traduções feitas na Idade de Ouro da Patrística<sup>18</sup>. Também não despreciando seria a via das traduções latinas de fragmentos da

---

<sup>17</sup> O peso de Pseudo-Plutarco neste *corpus* é considerável. Este texto está na base da tradição dos *Specula Principum* abundantes na Baixa Idade Média e no Renascimento, no centro da Europa. Reside nela a interpretação de Plutarco como um “educador” das elites europeias, bem como pelas *Vitae*, que fornecem quadros exemplásticos de comportamentos a serem adoptados pelos notáveis.

<sup>18</sup> GIACCHERI M. “L’influsso di Plutarco sulla condanna basiliana del prestito ad interesse”, *Tetraonyma*, Genova, 1966.; ISART HERNÁNDEZ M<sup>a</sup>, “Influencia de Plutarco en el Protréptico de Clemente de Alejandría”, M. GARCÍA VALDES, (ed.), *Estudios sobre Plutarco: ideas religiosas*, Madrid,

obra plutarqueana, em obras isagógicas que se alimentavam de exemplos de episódios ou de ditos espirituosos destinados a ilustrar um ponto de vista. A natureza da obra polimórfica de Plutarco faz prever que seria bastante apetecida para este contexto.

Mesmo que os resultados e o seu estudo estejam muito aquém de revestir uma forma definitiva, gostaríamos de vincar, num registo preliminar, que está afastada a ideia de uma recepção de Plutarco interrompida pela Idade Média Cristã: houve uma recepção continuada, de qualidade diversa decerto, mas, apesar de tudo, uma recepção consciente da identidade do polígrafo grego. Se no mundo moderno e entre os investigadores ganhou raízes a ideia de uma “redescoberta” de Plutarco no Ocidente pré-humanista — movimento que não é exclusivo de Plutarco mas que diz respeito a uma tendência cultural da época, a de redescobrir a cultura grega, o que constituiu uma das traves mestras do renascimento europeu — através da recepção do original grego no séc. XIV, tal deve-se ao facto de a recepção pré-humanista, (que conhecemos melhor e de que somos, de certo modo, herdeiros), e a recepção medieval, (que praticamente desconhecemos) serem independentes entre si, de provirem de fontes diferentes e de atribuírem uma diferente funcionalidade à obra do autor.

Depois de sabermos quem recebeu Plutarco, importa avaliar como o fez: que obras de Plutarco adquiriam relevância neste processo de recepção; como se integravam nos textos de acolhimento, que propósito serviam? Plutarco era uma instância de confirmação, fonte de informação, recurso de exemplificação, ou meio de elevação do discurso?

Seria pretensioso dizer que os casos que aqui trazemos, organizados por ordem cronológica, respondem a estas questões. Eles visam nada mais do que ilustrar a diversidade quer na recepção quer na intensidade com que ela se produz, e permitem-nos sustentar uma atitude de cautela quanto à qualidade das leituras tardo-medievais de Plutarco.

Começemos pela polemística cristã. Arnóbio de Sicca, morto na África

---

1994, p. 487-497; e, para um conspecto geral. LA MATINA M. “Plutarco negli autori cristiani greci”, I. Gallo, *L'eredità culturale di Plutarco dall'Antichità al Rinascimento*, Nápoles, 1998, pp. 81-110.

romana durante a perseguição de Diocleciano, foi um mestre de retórica pagão que se converteu ao cristianismo em 303. Para confirmar a sinceridade da sua conversão, escreve uma diatribe contra os pagãos perseguidores do cristianismo, uma obra de estilo confuso e sem grande profundidade em matéria de conhecimento do cristianismo que adoptara, conhecida como *Aduersus Nationes* ou *Aduersus Gentes*. Talvez por isso não tenha tido grande divulgação na Latinidade tardo-medieval e tenha mesmo recebido críticas expressas de S. Jerónimo<sup>19</sup>. Não deixa, no entanto de constituir “o mais vivo ataque que se conserva contra os cultos pagãos contemporâneos”<sup>20</sup>. Este facto, quando se alia à sua sólida formação cultural no paganismo, torna-o um autor promissor para o nosso objectivo. No entanto, os comentadores referem que as alusões a Plutarco tiveram por mediador a obra de Clemente de Alexandria, o *Protrepticon*. Tê-lo-ia feito na língua original, já que esta obra não pertence à extensa lista de padres gregos trazidos para o Ocidente por uma geração de tradutores de ouro<sup>21</sup>.

No cap. XXV, ao responder a uma crítica dos pagãos quanto à filiação “não natural” de Cristo, alude ao mito de, entre os pagãos, se acreditar que Homero é filho de um rio de Esmirna, o Meles<sup>22</sup>. Trata-se, neste caso, de

<sup>19</sup> *De Viris Illustribus*, 79; Ep. 58.

<sup>20</sup> JOHANNES QUASTEN, *Patrologia* (1950-1953) BAC, 2001, (trad. e ed. espanhola) t. I, pp. 676-679; também os extensos *commentaria* da autoria de Dom de Nourry (1647-1725) e Conrado Orellio (1816) que acompanham a edição da *Dissertatio in Septem libros Arnobii Aduersus Gentes* da PL 5, col. 920.

<sup>21</sup> CONRADO ORELLIO, PL 5, col. 1050-1053; e também Dom de Nourry, PL 5, col. 685-686. Sobre as traduções, J. QUASTEN, *Iniciation aux Pères de l'Église*, t. IV, Paris, Le Cerf, 1986, pp. 274-329 (J. Gibromont, «Les traducteurs: Jérôme e Rufin»; M. GEERARD et al. *Clavis Patrum Graecorum*, 5 vols Turnhout, Brepols, 1983, especialmente no t. 2: Rufino, Jerónimo, Evágrio de Antioquia, Eustácio e Paulo Diácono (já no séc. VIII) trouxeram para Ocidente a obra de Orígenes, Atanásio, Pacómio, Basílio, Eusébio, João Crisóstomo e de outros autores da patrística grega.

<sup>22</sup> São várias as *Vitae Homericae* que aludem ao episódio: Pseudo-Heródoto, Proclo, *Certamen Homeri et Hesiodi*, Plutarco (TLG, s.v. Μελησιγενής). De facto, a obra *De Vitae et Poesiae Homeri* foi incluída por Planudo no *Corpus Plutarcheum*, embora seja de atribuição duvidosa. Alguns autores defendem que se teria baseado em trabalhos perdidos de Plutarco. Seria altamente improvável que Plutarco tivesse ignorado Homero na produção da sua extensa biografística (*Plutarch's Moralia* XV, Loeb Classical Library, pp. 403). Tivemos acesso ao texto da *Vita Homeri* de Plutarco em [www.u.grenoble3.fr/homerica/homere/Vita-herodotea](http://www.u.grenoble3.fr/homerica/homere/Vita-herodotea).

uma alusão cuja fonte não pertence exclusivamente a Plutarco, autor de uma *Vita Homeri* de que restam fragmentos. Aliás, a versão da *Homérica* de Plutarco, tem contornos mais realistas: Homero, filho de Fémio, era neto de Hesíodo. Sua mãe, Criseida, dera-o à luz nas bordas do rio Meles, em Esmirna, e por isso lhe coube o cognome de Melesígenes. Mas, no capítulo 77<sup>23</sup>, interroga os costumes do casamento romano em aspectos tão precisos que faz supor, por intertexto, a alusão às *Quaestiones Romanae*. Neste âmbito, Plutarco também expõe a origem do costume de a noiva ver as suas tranças definidas a partir da separação das mechas de cabelo com uma faca. A explicação plutarqueana para o hábito de os esposos se beijarem na boca dada nas *Quaestiones Romanae*, coincide também com a interpretação de Arnóbio que a generaliza e a atribui a todos os pagãos<sup>24</sup>: o beijo serve para eles verificarem se a sua condição de abstmias se verifica, contou-nos Plutarco, e repete-nos Arnóbio. Claro que estamos no terreno das alusões, mais difíceis de provar. Mas os assuntos evocados por Arnóbio são de tal modo subtis que não conhecemos outra fonte possível para além de Plutarco.

São Jerónimo não era menos versado na cultura pagã. Já o referimos como tradutor de padres gregos que conheceram e utilizaram a obra de Plutarco. Trazemos aqui um exemplo que, nos seus contornos, é em tudo semelhante à utilização que Arnóbio faz da obra de Plutarco: esta serve como manancial da cultura pagã pronto a ser usado, para refutação ou reforço. Nos casos de Jerónimo, que aqui trazemos, os exemplos plutarqueanos servem de confirmação aos seus pontos de vista: na sua obra *Aduersus Jovinianum*, contra o monge milanês dos finais do séc. IV que alegava não ser a virgindade condição de

---

<sup>23</sup> Arnóbio, *In Gentes*, IV, 77, PL 5, col 919. *Quaestiones Romanae* 87, *Plutarch's Moralia*, Loeb Classical Library, pp. 132-134.

<sup>24</sup> Arnóbio, *In Gentes*, IV, PL 5, col. 920-921: "*Nubentium crinem caelibari hasta mulcetis? (...) Matres familias uestrae in atriis operantur de morum, industrias testificantes suas? Potionibus abstinent uini? Affinibus et propinquis osculari eas ius est, ut sobrias comprobent atque abstemias se esse...*"; Cf. *Quaestiones Romanae*, 6, *Plutarch's Moralia*, Loeb Classical Library, t. IV, pp. 14-16. Criticar os costumes e regras sociais pagãs passa, também, por desvalorizar as fontes de onde se recolheram, remetendo-as para um "vós", genérico e sem rosto. Só Platão, no livro II, alcança a dignidade de ser nomeado como adversário. Não nos impressionemos pois pela omissão de Plutarco como provável fonte de informação.

prioridade para a salvação, Jerónimo responde que já os pagãos tinham no maior apreço a condição de virgindade. Para o confirmar, entre vários episódios retirados da mitologia e das lendas romanas, narra o exemplo das duas filhas de Scedaso, um pobre homem da Beócia, as quais, na ausência do pai, preferiram morrer a deixar-se seduzir por dois espartanos. Com este exemplo, S. Jerónimo alude a uma das *Amatoriae Narrationes*. Há, mais uma vez, uma subtil diferença a registar entre a narrativa pagã e a utilização cristã que dela é feita mas cuja menção deitaria por terra a argumentação tenazmente mantida por Jerónimo no *Aduersus Iouinianum*: na narrativa de Plutarco, as duas jovens são mortas depois de efectivamente consumada a violência<sup>25</sup>. De igual modo, mais à frente, chama o exemplo de Pórcia, esposa de Bruto que tinha em tal conta o seu estado de *uniuira* que não sobreviveu à morte do marido. As fontes podem ser várias, mas não deixa de ser curioso que Plutarco, na Biografia de Bruto, reconheça na figura da sua mulher a heroicidade do gesto<sup>26</sup>.

A utilização da obra de Plutarco como instância de confirmação repete-se em circunstâncias de maior clareza, quando, em vez de uma anónima alusão se faz uma referência directa. Vejamos pois os seguintes casos que revelam uma utilização mais consciente, ainda que em contextos mais superficiais. Podemos, em paralelo, apreciar os desvios da propriedade das referências a Plutarco, que podem indiciar uma certa cristalização do valor da *auctoritas* que se evoca. Ou seja, Plutarco é um notável que se utiliza porque pertence à galeria de notáveis, que enobrece e dá autoridade a um texto, sem que essa atitude deixe de significar um contacto superficial com o autor.

1. Anónimo, PL 90, col. 685, séc. VIII, *De Loquela per Gestum digitorum et De temporum Ratione* (Comentário ao *De Diuisionibus Temporum* de Beda)

“Quoniam fortasse ut res quaedam noua computandi ratio a doctissimo Beda tradita, ita etiam leuius quidpiam tibi facile uideri possit (...) si tibi graecorum tum latinorum testimonia quaedam

<sup>25</sup> *Aduersus Iouinianum* I, 41, PL 27 col. 284; *Amatoriae Narrationes*, III, *Plutarch's Moralia*, Loeb, Classical Library, t. X, p. pp. 10-16.

<sup>26</sup> *Aduersus Iouinianum*, I, 46, PL 27, col. 288; *Plutarch's Vitae*, VI, Loeb Classical Library, p. 247.

proferrem, quibus hanc numerandi rationem haud modo nostris, isque antiquioribus quam Beda ac Hieronymus fuerint, uerum etiam ipsis graecis(...) Quare iam Plutarchum illum Chaeroneum primum, testimonium Graece dicentem audiamus: Ὀρόντες ὁ βασιλέως ὁ Ἀρταξέρξου γαμβρὸς, ἀτιμία περιπεσὼν δι' ὀργήν... *Apophthegmata Regum et Imperatorum*)

Trata-se de um texto de comentário de introdução à obra científica de Beda. Discute-se a legitimidade do uso dos dedos no cálculo aritmético. O autor diz que não só Jerónimo e Beda (cristãos) mas sábios gregos e latinos o descreveram. E cita uma passagem de um dos *Apophthegmata Regum et Imperatorum*: um episódio da vida da corte de Artaxerxes, caído em desgraça<sup>27</sup>, e proferiu um dito espirituoso: as amizades com os reis são tão elásticas como os ἀρεθμητικῶν δάκτυλοι, que servem tanto para contar a soma de dez mil como uma unidade só. Pela ordem apresentada, e destaque-se o facto de serem estes todos latinos, Macróbio, Plínio, Apuleio, Quintiliano e Juvenal completam a profusão de exemplos que pretendem legitimar o cálculo através dos dedos.

2. Esmaraldo de São Miguel, séc. IX, *Summarium in Epistolas et Euangelia Dominica in Sexagesima*, PL 102, 559:

«...Plutarchus scribit de utilitate ab inimicis capienda. Hic sane habemus stimulum carnis, hoc est insectationem malorum hominum, Paulo utilem fuisse. Sic enim et inimici nonnumquam prosunt, docentes nos sobrietatem et modestiam, et hic imbecillitas perficit uirtutem et infirmitas absoluit potentiam...»

O monge beneditino Esmaraldo pertenceu à corte do rei franco Luís-o-Pio, sucessor de Carlos Magno, e notabilizou-se pela divulgação da regra monástica beneditina como disciplina monástica universal, da qual produziu

---

<sup>27</sup> *Regum et Imperatorum Apophthegmata*, 174B, *Plutarch's Moralia*, III, Loeb Classical Library, p. 20. Na nossa fonte, δ' ὀργήν “por ira”, διὰ κατηγορίαν “por uma acusação”, embora no aparato crítico surja mencionada a lição presente também neste comentário.

uma extensa *Expositio*. Escreveu também uma obra de moral monástica, o *Diadema Monachorum*, de ampla divulgação na Idade Média. Numa terceira obra, *Summarium in Epistolas et Euangelia*, na qual propõe comentários a versículos integrados nas leituras dominicais, colhemos nós esta tímida referência. O contexto parece fazer justiça a uma recolha do tipo florilégio. Além da Bíblia, o autor recorre aos testemunhos patrísticos: Orígenes, Jerónimo, Crisóstomo, Ambrósio, Agostinho, Cassiodoro. Neste particular momento, Esmaragdo comenta a 2Cor 11, *Libenter suffertis incipientes...*, quando Paulo exorta a comunidade coríntia à paciência diante dos ataques dos inimigos. Invoca Esmaragdo não só as virtudes pedagógicas como também as vantagens estratégicas de protelar a queixa ou a resposta para um momento mais oportuno. Como testemunho abonatório, uma curta frase (sublinhado) refere um dos tratados morais de Plutarco, o *De capienda ex inimicis Vtilitate*. E o texto segue, *Hic sane habemus...* quando esperávamos o desenrolar da leitura de Plutarco que expandisse o título, o autor retoma o comentário ao passo bíblico com o uso de argumentos de matéria bíblica: a perseguição dos homens, tal como um agulhão que ferisse a carne, foi útil a Paulo. Integrado no conteúdo do passo, a referência a Plutarco é estanque e não deixa continuidade.

Interessa-nos destacar, no entanto, o carácter florilégio dos dois exemplos anteriores e a pontualidade do mesmo, nítida sobretudo no segundo texto, que convive com a propriedade da citação de Plutarco no conteúdo discutido. Releva-se também o facto de ser um autor grego e pagão entre diversas autoridades patrísticas, usado para justificar uma forma de saber humano e uma atitude moral cristãs. Na exiguidade dos passos, sobressai o reconhecimento do autor como instância de confirmação.

De Helinando de Froidmont, monge cisterciense da Bélgica depois fixado em França, autor de uma interessantíssima sermonística pouco editada e um dos primeiros autores do género *Specula principum*, trazemos duas referências, embora duas delas exemplifiquem já a recepção de Pseudo-Plutarco. No seu *Discurso VII De Aviso de Ditos e Feitos*, apresenta ele exemplos de vida que ilustram o dito “É mau pensar perder por haver perdido”, ou seja, há que saber tirar vantagens da adversidade. O autor retira argumentos para reforço da sua mensagem da Sagrada Escritura, de vários *exempla* cristãos e pagãos. Entre estes, Plutarco, *Histórias Paralelas*, 30, capítulo 56: na Guerra

entre os Sardos e os de Esmirna, estes últimos, sitiados, diante da ordem dos Sardos para que entregassem as suas mulheres, estes entregam as criadas. Aproveitando a folgança, os de Esmirna contra-atacam.

Os dois excertos seguintes dizem respeito à recepção de Pseudo-Plutarco. Estranha ironia que Plutarco fosse popular, e apontado como matriz de tratados de teoria política, precisamente por causa de uma obra que nunca escreveu!

3. **Helinando de Froidmont**, França (1160-1229) PL 212, *Sermo XXVIII De Potestate et Probitate Ecclesiae*, col. 713:

“...Augustus Caesar, imperatorum maximus, tandiu sacrorum pontificus subiectus fuit, donec ipse a senatu uestalis pontifex creatus fuit; ne quis illo honoratior haberetur, Plutarchus philosophus, Traiani principis institutor et doctor, dicit rempublicam esse uelut quoddam corpus diuini muneris beneficio animatum...” (*Pseudo-Plutarco, Institutio Traiani*).

Este primeiro exemplo, retirado de um sermão que defende a submissão de qualquer poder temporal à Igreja, utiliza dois argumentos: Júlio César esteve submetido à autoridade do Pontífice até que fosse investido pelo senado como sacerdote. E já Plutarco havia dito que “O Estado é como um corpo, do qual a cabeça é príncipe, mas que sobre esta a alma se sobrepõe, ou seja, a Igreja sobrepõe-se à autoridade de qualquer príncipe”. Este procedimento vamos encontrá-lo no texto seguinte, retirado do seu tratado *De Bono Regimine Principis*. Acrescenta a Plutarco, citado em posição de destaque, Platão, Claudiano, Aristóteles e a Bíblia:

**Helinando de Froidmont**, *De Bono Regimine Principis*, PL 212, cap. XV, col.737:

“ Gratia nempe debetur misericordiae, disciplina uero iustitiae. Qui sine prima est, omnibus odibilis est; qui uero sine secunda, omnibus contemptibilis. Plutarchus etiam libro scripsit De magistratuum moderatione (?). Plato, cum subditos opprimunt magistratus (...) Claudianus; Aristoteles, Eccl; Deut...).

Id., *ibid.*, caps. XVIII-XXV, col 739:

Quatuor autem principibus inculcare Plutarchus nititur:

scilicet reuerentia Dei, cultum sui, disciplinam officialium, et potestatem affectuum et protectionem subditorum. Nam qualis debeat esse princeps, eleganter descripsit in libro pulcherrimo qui inscribitur: *Institutio Traiani*... (segue-se, até à col. 746, o desenvolvimento das quatro qualidades que adornam o bom príncipe contidas na *Carta a Trajano*.)

O que se diz é que Plutarco também escreveu, “num livro acerca da moderação dos governantes”. Várias obras de Plutarco podem caber nesta tipologia, a começar pelas *Vitae* e alguns dos *Moralia* de temática mais política. No entanto, estamos em crer que Helinando tinha em mente o *Institutio Traiani*, cujo uso neste opúsculo, é de tal forma estruturante que nos escusamos, como até aqui, a reproduzir os passos. Da mesma forma, e pelas mesmas razões, pusemos de lado os restantes tratadistas de *Specula Principum*<sup>28</sup>.

As referências que se seguem pertencem ao registo cronístico. Ainda que sejam limitadas em relação à riqueza de conteúdo referente a Plutarco, por constituírem um registo muito dependente da difusão de um saber erudito recolhido por deferidas mãos, são paradigmáticas para entrevermos o mecanismo pelo qual se daria o acesso à obra de Plutarco, feito através da utilização de autores que já o tinham citado antes, sem que isso implicasse o conhecimento directo da obra do autor.

#### 4. S. Jerónimo, Roma e Palestina, séc. IV-V *Chronicon*,

---

<sup>28</sup> Este género floresceu entre IX e XII, particularmente jundo da “Academia de S. Luís”. João de Salesbúria (1115-1180) PL 199, cols 540-588 é o melhor exemplo, em qualidade e tradição, da produção destes tratados de filosofia política, com o *Policrático*, onde transcreve em vários capítulos o *Institutio Traiani*, particularmente o livro V. O dominicano Vincente de Beauvais (morto em 1264) foi, sem dúvida, o mais abundante produtor destes *specula principum*: *Speculum Maius, De Statu Principis; De morali Principis institutione, De eruditione filiorum nobilium*, Gilberto de Tournai (1148-1234), da Universidade de Paris, escreveu três cartas ao Rei São Luís que tiveram por modelo a forma e o conteúdo da *Institutio Traiani*. Segundo JACQUES LE GOFF, (*Storia Illustrata* 339, 1986), na composição destas obras, as *auctoritates* da literatura Pagã correspondem a 43,7 %; superando ligeiramente a Bíblia, com 41 %. Orígenes, Atanásio, Pacómio, Basílio, Eusébio, João Crisóstomo e de outros.

(tradução dos *Cronicoi Canones* de Eusébio de Cesareia, escritos em 303) PL 27, col. 453:

(no ano de 67, principado de Nero) Musonius et Plutarchus Philosophi insignes habentur... *ibid.*, col. 465,

(no ano de 120, principado de Adriano): Plutarchus Chaeroneus et Sextus et Agathobulus et Oenomaus philosophi insignes habentur.

5. Cassiodoro, Itália (Calábria) séc. V, *Chronicon ad Theodoricum Regem*, PL 69, 1232:

(Hadrianus XII) Paternus et Torquatus Philosophi Musonius et Plutarchus insignes habentur.

6. Mariano Escoto, Alemanha e Irlanda séc. XI, *Chronicon, Liber Indictione*, PL 147, col. 649, 71,13:

- No principado de Nero “Musonius et Plutarchus philosophi clari...”

- No principado de Adriano, durante o consulado de (col. 663, 127,3) «...Paternus et Torquatus. Adrianus reliqua tributa urbibus relaxavit, cartis pupilice incensis; plurimos etiam tributis liberos prestitit. Plutarchus Cheroneus et Sextus et Agathobolus et Oenomaus philosophi insignes habentur...»

7. Hugo de São Victor, Paris (1141) *Excerptioinum Allegoricarum «inuenies in eo multa ex libris collecta»*, PL 177, cap. VI, *De Nerone*, col. 244:

—“Per idem tempus floruerunt Romae poetae Lucanus, Ovidius, Satirici Juvenalis et Persius, et Seneca tragicus, et alter philosophus, Musonius atque Plutarchus.»

As palavras, com leves variações, são as mesmas. Supomos que a fonte desta referência é precisamente S. Jerónimo, que traduziu para latim os Χροικοὶ Κάνονες καὶ Ἐπιτομή παντοδαπῆς ἱστορίας Ἑλλήνων τε καὶ Βαρβάρων de Eusébio de Cesareia (263-337). Nestes dois textos provenientes de cronistas, as referências pautam-se pela superficialidade,

limitando-se a um atestado de existência e de identidade. Curioso é encontrarmos, em quase todos os cronistas citados, a dupla referência, que coloca Plutarco a viver no tempo de Nero e no tempo de Adriano. Parece-nos que tal pretende mencionar as datas das suas primeiras obras e da morte do Queronense. A data mais tardia, no entanto, remetida para o principado de Adriano, permite sustentar o interesse pela muito difundida tradição medieval de ele ter sido senador provincial e preceptor de Trajano, que encerra a maior parte da recepção medieval deste autor entre os sécs IX e XII.

Em jeito de conclusão, podemos dizer que, se nos surpreendeu a quantidade de referências a Plutarco, não deixámos, por isso, de ver confirmada uma suspeita, já apontada aliás, pela definição do estado da questão, quanto à qualidade da mesma: Plutarco, como muitos autores da Antiguidade pagã, flui pelos novos tempos num registo cada vez mais afastado da real propriedade e da consciência da evocação do mesmo, a ponto de a sua última imagem medieva ser a de um rosto que já não é o seu.

Sobressai também a diversidade dos contextos de utilização: usado como instância de confirmação de uma nova religião e como manancial de acesso aos costumes do mundo pagão que se pretendem infirmar, usado como fonte de *anecdota*e de *exempla*, ou como fundamento de uma educação para um agir político, resta-nos ainda percorrer os caminhos pelos quais se conformaram estas recepções, particularmente no que diz respeito às traduções do autor e sua utilização na Antiguidade Tardia.